

EDUCAÇÃO SEXUAL E REPRODUTIVA DE ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR: PERCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES.

Laís Ângela da Silva Pessoa¹; Tatiane Gomes Guedes²

¹Estudante do Curso de Enfermagem – Departamento de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde (CCS) – UFPE; E-mail: lais.angela.pessoa@hotmail.com

² Docente/pesquisador do Depto de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde (CCS) – UFPE; E-mail: tatiguedes@yahoo.com.br

Sumário: A adolescência é uma fase caracterizada por importantes mudanças biopsicossociais, com especificidades emocionais e comportamentais que repercutem na saúde sexual e reprodutiva, sendo, pois, uma fase que necessita de informações e de cuidados conducentes à saúde. **Objetivo:** Avaliar as percepções de professores e alunos sobre a educação sexual e reprodutiva no ambiente escolar; e identificar as experiências e conhecer a opinião de professores e alunos sobre a educação sexual e reprodutiva no ambiente escolar. **Método:** Estudo exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa, realizado em uma Escola Estadual de Recife-PE. Para a coleta de dados utilizou-se um formulário sociodemográfico e duas questões norteadoras, com 15 adolescentes e 12 docentes. O estudo observou os princípios norteadores da Resolução 466/2012. **Resultados e Discussão:** Foram extraídos três temas para cada uma das perguntas norteadoras. Questão 1: Estratégia essencial para formação e conscientização dos jovens; Mediador das informações sobre IST/HIV/Aids e prevenção de gravidez na adolescência; Facilitador que supre o déficit da temática dentro do lar. Questão 2: Vivências educacionais verticalizadas; Vivências educacionais problematizadoras; Percepções dos adolescentes/professores sobre as vivências educacionais). **Conclusão:** A tríade escola-família-profissionais torna-se um importante meio para o fortalecimento de ações integrais e promotoras da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes escolares.

Palavras-chave: adolescente; saúde sexual e reprodutiva; saúde escolar

INTRODUÇÃO

A adolescência compreende o período de transição entre as fases infantil e adulta, correspondendo a faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade. Esta fase é caracterizada por importantes mudanças biopsicossociais, com especificidades emocionais e comportamentais que repercutem na saúde sexual e reprodutiva de ambos os sexos, sendo, pois, uma fase que necessita de informações e de cuidados conducentes à saúde. A preocupação especial com a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes se deve a precocidade do início da atividade sexual, a qual contribui para expor os adolescentes aos riscos da gravidez não planejada e das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Por outro lado, parte desses adolescentes mostram-se sexualmente despreparados, desinformados, passando a apresentar culpas, arrependimentos e até transtornos no seu desempenho sexual (VIEIRA *et. al.*, 2006). Essa deficiência de informação dos adolescentes pode estar associada a deficiência de informação dos pais e/ou ao constrangimento destes em abordar o tema; e ao desempenho dos educadores sexuais, que também pouco assumem ou assumem inadequadamente esse papel. Por esta razão, este estudo tem como objetivos avaliar as percepções de professores e alunos sobre a educação

sexual e reprodutiva no ambiente escolar; identificar as experiências e conhecer a opinião de professores e alunos sobre a educação sexual e reprodutiva no ambiente escolar.

MATERIAIS E MÉTODOS

Pesquisa de caráter exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa, realizada junto a adolescentes e docentes de uma escola estadual do distrito sanitário IV da cidade de Recife/PE. A escolha da escola efetuou-se por meio de amostragem aleatória simples, realizado previamente ao período de coleta de dados do estudo. A amostra constituiu-se de 15 adolescentes com idade entre 15 e 19 anos, escolhidos conforme disponibilidade e presença destes no local estudado durante o mês de fevereiro/março de 2015 e 12 professores com idade entre 27 e 57 anos, escolhidos em sua totalidade por constituírem o corpo docente da escola referida, conforme aceitação em participar do estudo. O tamanho da amostra dos adolescentes foi obtido pelo critério de saturação teórica proposta por Bardin. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se formulário sociodemográfico para caracterização dos participantes e entrevista com duas perguntas norteadoras. Para a qualidade dos dados obtidos, todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), CAAE: 36664514.1.0000.5208, conforme resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE foi assinado por professores, pais de jovens menores que 18 anos e adolescentes maiores que 18 anos. E o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE foi assinado por jovens com menos de 18 anos. Para assegurar o anonimato, os adolescentes participantes foram nomeados de "A" seguido do número ordinal (A1, A2, A3, etc). Da mesma forma, os professores foram nomeados de "P" (P1, P2, P3, etc).

RESULTADOS

Os entrevistados alunos foram caracterizados quanto ao sexo, idade, série e religião. Quanto aos docentes foram questionados de forma adicional a formação, realização de outros cursos e tempo de experiência na atuação como professor. O sexo feminino prevaleceu na população de adolescentes, sendo onze meninas e quatro meninos. Quanto aos professores, a amostra foi constituída por cinco docentes do sexo feminino e sete do sexo masculino. O segundo ano do ensino médio foi a série que mais participou do estudo, seguido pelo primeiro e terceiro ano. A religião prevalente foi a católica, seguida da evangélica. Quanto à formação dos professores, todos cursaram pós-graduação e possuíam uma média de 13 anos de experiência na função de docente. A partir da leitura e análise dos conteúdos das falas dos entrevistados, extraiu-se três temas para cada uma das perguntas norteadoras: Questão 1: (O que você acha sobre a realização da Educação Sexual e Reprodutiva no ambiente escolar?): 1 – Estratégia essencial para formação e conscientização dos jovens. *"Coisa justa [...] porque na adolescência principalmente tem que saber disso. Que vai começando a puberdade... fica com vontade. Aí todos os adolescentes tem que saber."*(A4); 2 – Mediador das informações sobre IST/HIV/Aids e prevenção de gravidez na adolescência. *" É muito importante hoje pra questão de prevenção de doenças "* (P7); 3 – Facilitador que supre o déficit da temática dentro do lar. *"É bem legal porque [...] muitas vezes os pais não tem essas conversas com a gente, aí a escola oferece isso, é bem legal, a pessoa se sente mais aberta [...]"* (A2). Questão 2 (Quais as vivências que você já teve com a Educação Sexual e Reprodutiva no ambiente escolar?): 1- Vivências educacionais verticalizadas. *" A gente fez uma palestra sobre isso, envolvendo é doenças sexualmente transmissíveis e gravidez nessa faixa etária que a gente trabalha [...]"* (P11); 2 – Vivências educacionais problematizadoras. *"Foi tipo uma roda*

de conversa, aí cada um falava sua dúvida e ela explicava" (A13); 3 – Percepções dos adolescentes/professores sobre as vivências educacionais. "Alguns ficaram com vergonha e ficaram pedindo para outros perguntar [...] No começo a gente ficou com vergonha, mas depois foi se soltando." (A6)

DISCUSSÃO

No período da adolescência pode ocorrer o início da atividade sexual de muitos sem qualquer orientação, portanto, esta ação pode denotar riscos e vulnerabilidades na vida desses jovens, como por exemplo, de modo mais prevalente as infecções por IST/HIV/Aids e gravidez não planejada (SCHOEN *et. al.*, 2010). Nesse contexto, a escola, a família e profissionais de saúde desempenham papel relevante na formação dos jovens, em destaque na área da saúde sexual e reprodutiva, tão importante para a etapa da adolescência (MORAES *et. al.*, 2012). A escola deve ser encarada como um espaço privilegiado para construção de uma consciência crítica, sanando dúvidas, bem como motivando o desenvolvimento de práticas responsáveis (RODRIGUES *et.al.*, 2010). No entanto, a formação dos adolescentes não deve ser centralizada apenas na escola. É importante que haja uma parceria efetiva com os pais. Segundo Gonçalves, Faleiro, Malafaia (2013), a falta de diálogo no lar está associada a timidez, ao despreparo dos pais em abordar a temática e a convicção de que esta abordagem antecipe a prática sexual dos jovens. A omissão de informações inerentes a saúde sexual e reprodutiva no lar, gera ansiedade e dúvidas nos jovens, que podem iniciar a vida sexual despreparados para tal podendo acarretar consequências desagradáveis, como infecções sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada. Uma terceira parceria que deveria ser inserida neste cenário, seriam com os profissionais de saúde. No entanto, um estudo realizado por Penso, Brasil, Arrais e Lordello (2013), junto a 13 profissionais de saúde que atendem adolescentes, em duas regiões administrativas do Distrito Federal, revelou que existe uma grande dificuldade de integração entre profissionais das áreas de educação e saúde, devido a fatores como o excesso de burocracia, falta de recursos humanos, falta de tempo e o despreparo dos profissionais de saúde agregado as demandas da escola que requerem ações isoladas e centradas na transmissão de informações. Em vista disso, destaca-se a necessidade de ambas as esferas se apropriarem das diretrizes do Programa Saúde na Escola (PSE), instituído em 2007 (BRASIL, 2011). De acordo com Almtan (2009), as ações pontuais, como palestras ou cartilhas não reconhecem as reais necessidades dos envolvidos e não colaboram para mudanças de comportamentos, uma vez que a participação e o diálogo estão ausentes, portanto, não atingem os adolescentes de forma eficiente. No entanto, diversos estudos em estados brasileiros têm apontado a utilização de vivências problematizadoras como promissor na finalidade de assegurar reflexão, sensibilização e modificações em informações, crenças e comportamentos. A vergonha e as brincadeiras durante a educação sexual e reprodutiva na escola foi relatada nas falas acima, e pode ser traduzida pela presença de tabus que historicamente cerca temas que lhe são relacionados (QUIRINO *et. al.*, 2012). Para descontinuação de tal questão, o direcionamento que o docente permeará nas suas ações determinará a interação entre os envolvidos.

CONCLUSÕES

A tríade escola-família-profissionais de saúde pode ser considerada como fortalecedora para essa abordagem. As ações verticalizadas não subsidiaram a formação críticas dos participantes, no entanto, as estratégias de educação pautadas na problematização, configuraram-se em um espaço para reflexão e construção de conhecimento compartilhado, estimulando a participação ativa dos adolescentes, tornando-os sujeitos de

suas mudanças. O enfermeiro, como ser educador, deverá está envolvido em todo o processo de formação e conscientização dos adolescentes com respeito a saúde sexual e reprodutiva, bem como poderá discutir habilidades junto aos docentes para trabalhar e incentivar estratégias de educação em saúde, voltadas para este fim.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pelo fomento concedido para realização da pesquisa; À Universidade Federal de Pernambuco; À Profa. Dra. Tatiane Gomes Guedes, pela orientação do trabalho; Ao mestrando Tiago de Sousa, pela dedicação e incentivo na elaboração da pesquisa; Às graduandas de Enfermagem Elyda Michellyne e Rayanne Mirella, pelo auxílio no período da coleta de dados.

REFERÊNCIAS

VIEIRA, L.M; SAES, S.O; DORIA, A.A.B; GOLBERG, T.B.L. **Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil.** Revista Brasileira Saúde Materno Infantil, Recife. Vol. 6, n.1, p 135-140; 2006.

SCHOEN-FERREIRA, T.H; FARIAS, M.A; SILVARES, E.F.M. **Adolescência através dos séculos.** Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília. Vol. 26 n. 2, pp. 227-23; 2010.

MORAES, S.P; VITALLE, M.S.S. **Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência.** Rev Assoc Med Bras. 58(1):48-52; 2012.

RODRIGUES, M.G.S; COSENTINO, S.F; ROSSETTO, M; MAIA, K.M; PAUTZ, M, *et al.* **Oficinas educativas em sexualidade do adolescente: a escola como cenário.** Revista Enfermería Global, n 20; 2010.

GONÇALVES, R.C; FALEIRO, J.H; MALAFIA, G. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios.** Revista Holos, Ano 29, Vol. 5; 2013.

PENSO, M.A; BRASIL, K.C.T.R; ARRAIS, A.R; LORDELLO, S.R. **A relação entre saúde e escola: percepções dos profissionais que trabalham com adolescentes na atenção primária à saúde no Distrito Federal.** Revista Saúde Soc. São Paulo, v.22, n.2, p.542-553; 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Passo a Passo PSE (Programa de Saúde na Escola).** Brasília, 2011. Disponível em: < http://189.28.128.100/dab/docs/legislacao/passo_a_passo_pse.pdf >. Acesso em: 21 Abr. 2015.

ALTMANN H. **Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo. V. 39, n. 136; 2009.

QUIRINO, G.S; ROCHA, J.B.T. **Sexualidade e educação sexual na percepção docente.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224; 2012.